

DIÁRIOS COLETIVOS NA AULA DE QUÍMICA: DILEMAS DE PROFESSORES E INTÉRPRETES NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.

Ariane C. C. de Melo(IC), Wanessa de O. Rabelo(IC), Walquíria D. de Oliveira(FM)* e Anna M. Canavarro Benite (PQ). anna@quimica.ufg.br

Laboratório de Pesquisas em Educação Química e Inclusão, LPEQI, IQ – Universidade Federal de Goiás.

Palavras Chave: Inclusão, Ensino de Química, Diários de aula.

Introdução

Por muito tempo deficientes auditivos (DA) não foram compreendidos e, não se deu a devida importância à sua forma de comunicação, Língua de Sinais, substituída durante um longo tempo pelo oralismo e pelo bilingüismo. O recente reconhecimento, no Brasil pela lei nº 10.436/02 como segunda língua oficial, trouxe a para a sala de aula um novo ator, o Intérprete (IL) da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Neste trabalho analisamos os dilemas encontrados pelos professores de ciências/química (PC) e pelos IL, dentro do contexto da educação inclusiva, objetivando compreender quais as implicações desta para o ensino de química.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa participante, tendo como instrumento de coleta de dados os “Diários de aula” que “são documentos em que professoras e professores anotam suas impressões sobre o que vai acontecendo em suas aulas”¹. Entendemos que através deste instrumento metodológico os sujeitos se tornam mais conscientes de seus atos. No diário o professor expõe, explica, interpreta sua ação diária na aula e fora dela permitindo uma reflexão de caráter histórico e contínuo de narração. Assim se justifica também como instrumento de formação.

Resultados e Discussão

O recorte aqui apresentado é constituído pela narrativa de vinte e duas aulas ocorridas entre os dias 29/05 a 02/10/2009 em uma turma de segundo ano do ensino médio com alunos DAs. Apresentamos, nesse primeiro momento, algumas das dificuldades dos alunos DA durante as aulas de ciências/química narrados por uma PC e pelo IL nos diários coletivos de aula:

P.C: “... os alunos tiveram dúvidas na compreensão de algumas estruturas...”

O ensino de química para surdos, através da linguagem de sinais, é dificultado devido à falta de uma simbologia para os termos químicos. Por outro lado, existe a necessidade de intermediação do conteúdo pelo intérprete de libras para que o aluno possa se apropriar dos conceitos químicos e atribuir significado a estes em sua primeira língua. Sobre este dilema PC narra que:

PC: “... tento sempre uma linguagem mais acessível e vou mais devagar à explicação dos conteúdos, procuro inovar as aulas para uma diversificação das aulas com estratégias alternativas.”

Para PC as dúvidas na compreensão das estruturas são devido às limitações lingüísticas, o que dificulta, entre outros, a interpretação feita por IL. Apoiamo-nos em Vygotsky² que afirma que o relacionamento entre pensamento e linguagem é necessário para que se efetive o processo de desenvolvimento intelectual. Ele afirma ainda que o

conhecimento é formado a partir da relação com o mundo exterior, e que a linguagem exerce função primordial na aquisição deste. Assim, se o elo entre o ensino de química e o DA for estabelecido por meio da língua portuguesa, este estará comprometido, uma vez que os aprendizes não dominam este código de acesso e, portanto, não vão elaborar formas de pensamento o utilizando.

Outra dificuldade narrada por PC é:

PC: “... o aluno a1 teve dificuldade em entender o significado econômico...”

Na narrativa de PC é importante destacar que a mesma procura ter uma postura que situe o contexto do conteúdo ensinado no âmbito econômico, o que é importante, pois segundo Chassot³ “o conhecimento químico tal, como é transmitido, desvinculado da realidade do aluno, significa muito pouco para ele”.

Para Vigotsky² embora outros signos, que não os verbais, possam mediar o conhecimento humano, o conceito está vinculado explicitamente à palavra. Nossos resultados parecem demonstrar que para os alunos DA que não tem o domínio da Língua Portuguesa escrita, a interpretação de questões subjetivas se torna complicada, pois a palavra pode não ter significado para este aluno.

De modo geral, a narrativa de IL corrobora com a narrativa de PC no que diz respeito aos dilemas encontrados pelos DAs na compreensão do conteúdo, que segundo IL se dá principalmente por:

IL: “... Apresentam dificuldades em... química... devido a grande quantidade de fórmulas...”

Entre os grandes desafios para pesquisadores e professores de DAs situa-se o de explicar e superar as muitas dificuldades que esses alunos apresentam no aprendizado e uso de línguas orais. Nesse sentido, entendemos que ensinar uma nova simbologia não é uma tarefa fácil, sobretudo, por que na maioria das vezes esse ensino não é contextualizado.

Conclusões

Como esta investigação ainda está em fase inicial esperamos conhecer o universo real da sala de aula inclusiva, investigando especificamente a relação mediador/intermediador/conhecimento científico através da explicitação dos dilemas encontrados por professores e intérpretes de libras no contexto da aula de química para os DA.

Agradecimentos

A FAPEG, ao CNPq e a Escola Estadual Professor José Carlos de Almeida.

¹ZABALZA, Miguel A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.160

²OLIVEIRA, Marta Kohl de. **VYGOTSKY Aprendizado e desenvolvimento:** um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

³CHASSOT, Attico. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.